



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11229 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DE OPORTUNIDADES RACIAIS: ANÁLISE DAS IMAGENS DO CURSO DE MEDICINA (1973-2015)

Aline Anjos da Rosa - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Átila Maria do Nascimento Corrêa - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Este trabalho é uma reflexão a partir do desdobramento de uma pesquisa de Doutorado sobre os efeitos da reserva de vagas com recorte racial adotadas pelas universidades públicas em um curso de Medicina de uma universidade federal. Com base no referencial teórico dos estudos críticos de raça, tece algumas considerações sobre como opera a reprodução das desigualdades raciais no Brasil por meio da observação de imagens dos egressos das turmas de Medicina de uma universidade federal.

O percentual de médicos negros (soma dos autodeclarados da cor preta ou parda) na área da saúde ainda é baixíssimo quando comparada a população autodeclarada negra no país. Os autodeclarados negros no Brasil correspondem a 52,1% da população brasileira, entretanto, 72,6% dos concluintes do curso de Medicina oriundos das instituições privadas e 57,2% nas instituições públicas se autodeclararam da cor/raça branca no ano de 2019 (SCHEFFER, 2020). Embora o cenário nas instituições públicas parece mais alentador, fruto das políticas de ações afirmativas com recorte racial, lembramos, que somente 19,5% das vagas são ofertadas em instituições públicas. Além disso, há o fenômeno do uso indevido nas autodeclarações para ocupar as vagas para autodeclarados negros (pretos e pardos), identificada nos cursos de Medicina (SANTOS, 2021), ofertadas nas universidades federais públicas, o que implicou a necessidade de criar uma comissão para confirmar a autodeclaração baseada em critérios fenotípicos recomendada pelo Movimento Negro e o Ministério Público Federal (MPF).

A Medicina é caracteriza no contexto brasileiro como um curso de alto prestígio social, sucesso profissional e de reconhecimento. Entre as profissões, o exercício da Medicina no Brasil recebeu forte indução e proteção do Estado, o que garante aos detentores

de diploma os monopólios profissionais (COELHO, 1999). Nos anos de 1990, os médicos, em sua maioria, eram filhos (linhagem paterna) de médicos, juristas, professores universitários, profissionais liberais, comerciantes bem-sucedidos, empresários, políticos, intelectuais, ou seja, quem compõe a classe médica no Brasil são oriundos da elite (MACHADO, 1997) que é branca.

Este estudo se caracteriza com exploratório ancorado na abordagem qualitativa. A notícia, objeto deste trabalho, está disponível no portal da Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e foi veiculada em novembro de 2018 na aba de “Notícias”. A notícia, publicada em uma página institucional, trata-se de um convite para que os egressos do curso participem das comemorações dos 50 anos do curso de Medicina. Menciona a existência de uma página em uma rede social para interação e envio de documentos, relatos e fotos sobre quem se formou no curso. A notícia também veicula um extrato do Jornal “Correio do Estado” publicado em 21 de dezembro de 1973 denominado “OS PRIMEIROS MÉDICOS GRADUADOS EM CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL – TURMA DE 1973” (UFMS, 2021). Por fim, a notícia é ilustrada por recortes de jornais, fotos, fotos, convites e quadros de formatura. Serão estas imagens que serão analisadas.

A UFMS teve sua origem em 1962, a partir da criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande. O curso de Medicina foi criado em 1968. Em 1979, dois anos após a divisão do estado de Mato Grosso, foi efetivada a federalização da UFMS, pela Lei Federal nº 6.674 de 1979, com sede em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. O primeiro processo seletivo para o curso foi realizado em 1968 e ofertou 32 vagas. Atualmente o curso oferta 150 vagas (xx na cidade de Campo Grande e de Três Lagoas).

Foram publicadas 70 imagens na notícia. As imagens foram apresentadas conforme o ano de colação. A primeira turma ingressante é de 1968 que colou grau em 1973, já que a duração do curso de Medicina é de 6 anos. As imagens disponibilizadas são referentes aos formandos de: 1973, 1975, 1977, 1978, 1979, 1980, 1982, 1984, 1987, 1989, 1991, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2007, 2009, 2011, 2012, 2013, 2015 (UFMS, 2021). São registros de 30 turmas de Medicina no período de 42 anos apresentadas na notícia por ordem cronológica. Não há imagens de todos os anos.

Há diferentes registros de imagens: recorte de jornal, fotos, imagem de convites de formaturas, quadro de formaturas. Predomina fotos analógicas e digitais. “Os quadros de formatura e os álbuns de fotografias são considerados representações de momentos da história institucional e como monumentos que atestam seu projeto formativo: a conclusão do curso em sua solenidade de formatura” (CORREA, 2005). As imagens disponibilizadas registram momentos durante o período de graduação, pré-formatura (estudantes em sala de aula, celebrações antes da formatura como celebrações religiosas, etc), solenidade de formatura e reencontros dos formandos após anos da realização da colação de grau.

Considerando o volume de imagens e o reduzido espaço aqui, selecionou-se apenas duas fotos para ser analisada neste trabalho, a partir dos seguintes critérios: nitidez e maior nº

de pessoas que compõe a foto. A foto deveria ser nítida pois a análise da composição racial dos formandos foi realizada por meio da heteroidentificação ou heteroclassificação com base em critérios fenotípicos. O critério “maior nº de pessoas” foi escolhido pois fornece um cenário mais próximo do número de pessoas que foram diplomadas.

Imagem 1: Turma de Medicina da UFMS do ano de 1995



Fonte: Notícia publicada na página da UFMS, 2021

A imagem 1 refere-se aos formandos do ano de 1995 que ingressaram no curso de Medicina em 1989. Todos vestem branco. Na foto estão presentes 43 pessoas: 22 mulheres e 21 homens. Por heteroidentificação todos os formandos são predominantemente identificados como da cor/raça branca.

Imagem 2: Turma de Medicina da UFMS do ano de 2004



Fonte: Notícia publicada na página da UFMS, 2021

A imagem 2 refere-se aos formandos do ano de 2004 que ingressaram no curso de Medicina em 1998. Todos vestem jaleco branco e calça preta. Na foto estão presentes 59 pessoas entre 40 homens e 19 mulheres. Por heteroidentificação todos os formandos são identificados predominantemente como da cor/raça branca.

As duas imagens selecionadas materializam como ocorre a reprodução geracional da desigualdade racial no Brasil, por meio do acesso à educação superior. Em todas as imagens a cor/raça que predomina é a branca. Além disso, cogitamos que a medida em que os anos passaram, o curso ficou mais branco. Isso por que nas imagens das décadas de 1970 e 1980 identifica-se nas imagens algumas poucas pessoas não brancas. Entretanto, quando olhamos as fotos da década de 1990 e 2000, há desaparecimento de não brancas nas imagens.

Essa realidade do curso do perfil racial do curso de Medicina é identificada nas pesquisas realizadas por Carlos Hasenbalg (1979) no qual argumenta que a discriminação racial está, em parte, associada à em apropriação de oportunidades sociais áreas como educação, emprego e rendimento, e não somente a uma discriminação direta.

Desde a década de 1930 é forjado no Brasil o mito da democracia racial, ou seja, que as relações raciais eram harmoniosas e que o Brasil nunca havia oficializado um estado racial. Seríamos um povo sem barreira de preconceito que coexistia por meio de uma acomodação inter-racial “democrática” e que havia oportunidades concretas de ascensão social (FERNANDES, 1972). Para Fernandes (1972) a miscigenação tornou-se uma espécie de índice de integração social e como a sociedade brasileira supostamente havia adquirido uma fusão de raças sem discriminação. Como repara Fernandes (1972) a “[...] miscigenação no Brasil não envolveu transmissão de posição social como propriedades, possibilidades de mando e probabilidade de poder” (p.25), bem como, não fomentou a igualdade racial. Como bem constata Munanga (2019) a mistura não produziu a democracia racial como demonstram os dados estatísticos. Esse mito é percebido como um “[...] mecanismo de barragem à ascensão da população negra aos postos de liderança ou prestígio, quer social, cultural ou econômico” (MOURA, 2019, p.56).

No fim da década de 1970 e na década de 1980 as produções de estatísticas comprovavam por meio de números a existência e a persistência da categoria raça como fator de diferenciação social. Houve o fenômeno crescente das desigualdades social entre brancos e negros, quando se isolava e analisava a desagregação dos dados a partir da raça/cor dos dados estatísticos produzida pelo Censo do IBGE, no qual mostravam um abismo social entre brancos e não brancos. As imagens representam uma amostra de como ocorre a reprodução geracional da desigualdade racial, ao se identificar, majoritariamente, pessoas brancas compondo estas imagens.

Ao se olhar a composição raça/cor do curso de Medicina este abismo é gritante. Visualizamos que até ao advento das ações afirmativas com recorte racial havia uma reserva

de vagas do curso de Medicina para estudantes da escola particular brancos.

Há instituições homogeneizadas por determinados grupos sociais que institucionalizam seus interesses e mantêm sua hegemonia do grupo social, direta e indiretamente. Há uma reprodução geracional racial da ocupação desses espaços de poder. Esse é o caso do curso de Medicina. A impressão que dá que havia uma espécie de reserva de vagas não oficial das vagas dos cursos de Medicina para elite branca. Há privilégios materiais e simbólicos que sempre foram concedidos a brancos.

Considerações finais

Quando olhamos para as fotos do curso de Medicina da UFMS vemos como ocorreu desde a fundação do curso a distribuição desigual de oportunidades educacionais sob o nome de mérito. Observa-se nas imagens coletadas que houve uma reprodução geracional racial de brancos ocupando vagas o curso de Medicina da UFMS por 44 anos, até a aprovação da Lei 12.711/2012. A UFMS só adotou cotas com recorte racial após 2012.

Com o advento das ações afirmativas com recorte racial aplicadas no ensino superior público, especialmente após a 2012, com a aprovação da Lei 12/711, uma pequena mudança no perfil racial do curso de Medicina no Brasil vem ocorrendo com a ampliação dos autodeclarados negros (soma de pretos e pardos) neste curso. Entretanto, esta ampliação só ocorre nas vagas reservadas com recorte racial. Essa conquista é fruto da atuação do Movimento Negro que há décadas vem reivindicando a aprovação de políticas públicas no campo da educação superior.

REFERÊNCIAS

COELHO, E. C. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

HASENBALG, C. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MACHADO, M. H. **Os médicos no Brasil: um retrato da realidade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 244 p. ISBN: 85-85471-05-0.

MOURA C. **Sociologia do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019. Kindle

SANTOS, S. A. Mapa das comissões de heteroidentificação étnico-racial das universidades federais brasileiras. **Revista ABPN**, v. 13, p. 365-415, 2021.

SCHEFFER, M. et al., **Demografia Médica no Brasil 2020**. São Paulo, SP: FMUSP, CFM, 2020. 312 p. Disponível em:
https://www.fm.usp.br/fmusp/conteudo/DemografiaMedica2020_9DEZ.pdf Acesso em: 10 jun.2022.

UFMS. **50 Anos do Curso de Medicina – FAMED**. Disponível: <https://famed.ufms.br/50-anos-do-curso-de-medicina-famed/> Acesso em: 8 dez. 2021

WERLE, F.O. C. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: 28ª **Reunião Anual da Anped, 2005**, Caxambu. Anais, Minas Gerais. Disponível:
https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int_ok.pdf. Acesso em: 11jul. 2022.

Palavras-Chave: educação superior. Medicina. Desigualdades geracionais e raciais